

COR E RAÇA: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E HISTÓRIA NA BAHIA

 DOI: 10.5281/zenodo.8374613

Oswaldo César Fernandes Copque

Especialista Currículo Formação Científico, Tecnológico e Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Turismólogo pela Faculdade Visconde de Cairu (FVC).E-mail: ocopque@hotmail.com

Maria Raidalva Nery Barreto

Professora da área pedagógica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: raibarreto.gmail.com

RESUMO

A imprensa da Bahia alertou o conflito da autodeclaração racial do candidato Antônio Carlos Magalhães (DEM), no período das eleições gerais 2022 para o governo da Bahia, quando a coordenação política da sua campanha atestou que houve um equívoco do seu departamento jurídico. Esse fato gerou uma polêmica nacional. A falha foi corrigida in loco junto ao órgão eleitoral competente para sanar o choque de informação. Esse preâmbulo é a base para apresentação do tema em estudo em que a cor não é um vetor determinante sobre a raça. Isso ao menos no Brasil, Bahia, Salvador. Para tanto discutiremos sobre discussão racial a partir do momento em que a Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo. A seguir versaremos sobre a chegada dos primeiros exploradores portugueses na Baía de Kirimurê, denominada por Baía de Todos os Santos. Consoante fatos não registrados na História oficial sobre a invasão do Brasil. No entanto para criticar cabe conhecer e refletir o real sentido das declarações prestadas, para tanto nesse estudo será traçado um caminho histórico metodológico desde a chegada dos primeiros colonizadores na terra do pau brasilis, segundo a história oficial. O tipo de pesquisa utilizado na construção deste artigo foi a bibliográfica, que é desenvolvida a partir de material já produzido, sobretudo de livros e artigos científicos. Os resultados deste estudo apontam possibilidades de reflexões pós-período colonial sobre o devir-negro do mundo no imaginário das sociedades europeias. Além de novas revelações sobre os primeiros habitantes dos povos originários encontrados na Baía de Kirimurê, levando a formação étnica do povo baiano.

Palavras-chave: a. cor. raça

1. INTRODUÇÃO

O lócus deste artigo tem a finalidade de analisar, compreender e discutir a formação étnica do povo baiano a partir da polêmica declaração do então candidato ao governo do Estado da Bahia nas eleições gerais 2022, o senhor Antonio Carlos Peixoto Magalhães Neto (UNIÃO BRASIL), um homem com fenótipo de cor branca se autodeclarar em vídeo como pardo durante entrevista em emissora de televisão – TV Bahia.

Esse episódio causou uma polêmica nacional em que o então candidato ao governo da Bahia viveu uma onda de enfrentamento de críticas dos seus adversários políticos em redes sociais naquele momento da disputa eleitoral. No vídeo ACM Neto apresentou um documento oficial do Instituto Pedro Melo, órgão ligado à Secretaria da Segurança Pública da Bahia (SSP-BA), em que é declarado pardo durante a emissão do seu registro de identidade.

Na publicação veiculadas em redes sociais, ACM Neto não discutir a questão racial como cada qual se sente, se enxerga, contudo o que considera ser “hipocrisia dos adversários” e citou políticos que se declaram pardos. Segundo o candidato todos têm o tom de pele semelhante ao dele, mas não foram questionados.

A campanha política de ACM Neto informou que a autodeclaração inicial feita ao Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA) a cor do seu tom de pele foi registrada como branca no Requerimento de Registro da Candidatura (RCC) .

A imprensa da Bahia alertou para o conflito da autodeclaração racial do candidato Antônio Carlos Magalhães (DEM), no período das eleições gerais 2022 para o governo da Bahia, quando a coordenação política da sua campanha atestou que houve um equívoco do seu departamento jurídico. A falha foi corrigida in loco junto ao órgão eleitoral competente para sanar o choque de informação. Esse fato gerou uma polêmica nacional.

Esse preâmbulo é a base para apresentação do tema em estudo em que a cor não é um vetor determinante sobre a raça. Isso ao menos no Brasil, Bahia, Salvador. Para suscitaremos a questão norteadora sobre em que medida um homem branco sentir-se pardo” a partir do momento em que a Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo?

No entanto para criticar cabe conhecer e refletir o real sentido das

declarações prestadas, e compreender que a cor da pele não determina raça, nesse estudo será traçado um caminho histórico metodológico desde a chegada dos primeiros colonizadores na terra do pau brasilis, segundo a história oficial.

A seguir versaremos sobre a chegada dos primeiros exploradores portugueses na Baía de Kiriurê, denominada por Baía de Todos os Santos. Consoante fatos não registrados na História oficial sobre a descoberta do Brasil, a formação social do sujeito, a fabulação da raça, noir, a formação étnica do povo brasileiro (baiano), entrecruzamento étnico, e por fim as considerações finais.

O tipo de pesquisa utilizado na construção deste artigo foi a bibliográfica, que é desenvolvida a partir de material já produzido, sobretudo de livros e artigos científicos. Os resultados deste estudo apontam possibilidades de reflexões pós-período colonial sobre o devir-negro do mundo no imaginário das sociedades européias. Além de novas revelações sobre os povos originários encontrados na Baía de Kiriurê, levando a formação étnica do povo baiano.

1.1 FORMAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

“África” e “negro” – uma relação de coengendramento liga esses dois conceitos. Falar de um é, na realidade evocar o outro. Um confere ao outro seu valor consagrado. Como já dissemos, nem todos os africanos são negros. No entanto, se a África tem um corpo e se é um corpo, um isto, é o negro que o confere a ela – pouco importa onde ele se encontre no mundo.

E se negro é uma alcunha, se ele é aquilo, é por causa da África. Ambos, o isto e o aquilo, remetem à diferença mais pura e mais radical e à lei da separação. Um se confunde com o outro e faz pesar no outro sua carga untuosa, a um só tempo sombra e matéria. Ambos são produtos de um longo processo histórico de sujeitos raciais. (Mbembe, 2018).

Vejamos esta cena do negro e do menino branco descrita por Fanon: “O preto é um animal, o preto é ruim, é malvado, o preto é feio; olhe um preto! Faz frio, preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer”. (Mbembe apud Fanon, 2018, p. 80).

Por meio de um processo de inculcação, já muito estudado, este enorme rebotalho de disparates, mentiras e fantasmas se tornou uma espécie de invólucro exterior cuja função foi, desde então, substituir o seu ser, a sua vida, o seu trabalho e a sua linguagem.

Revestimento exterior em sua origem, esse invólucro se estratificou, tranformou-se num conjunto de membros e acabou por se tornar, com o passar do tempo, uma casca calcificada – uma segunda ontologia – e uma chaga- ferida viva que corrói, devora e destrói todos os que acomete. É dessa ferida e das condições de sua cura que trata, por exemplo Frantz Fanon em *Pele negra, máscara branca*.

James Baldwin, por sua vez, compara essa ferida a um veneno, sobre o qual convém se perguntar o que provoca na pessoa que o fabrica e destila e na pessoa a quem é sistematicamente ministrado.

1.1.2 A FABULAÇÃO DA RAÇA

Pode surpreender o recurso ao conceito de raça, pelo menos tal como esboça-se. Primeiramente, a raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil, uma construção fantasmática ou uma projeção ideológica, cuja função é desviar a atenção de conflitos considerados, sob outro ponto de vista, como mais genuínos – a luta de classes ou a luta de sexos, por exemplo.

A ordem do mundo fundava-se em sua ávida necessidade de mitos destinados a fundamentar seu poder, o hemisfério ocidental conseguiu edificar uma sociedade civil das nações compreendidas como espaço público de reciprocidade do direito.

Frantz Fanon (Cesarie apud Mbembe, 2018, p.88) tem razão, no entanto ao sugerir que o negro em uma figura ou ainda um “objeto” inventado pelo branco e “fixado” como tal pelo seu olhar, seus gestos e suas atitudes, urdido que foi enquanto tal “a partir de mil detalhes, anedotas, relatos.

Deveríamos acrescentar que, por sua vez, o branco é, sob vários aspectos, uma fantasia da imaginação europeia que o Ocidente se esforçou para naturalizar e universalizar. O mesmo Fanon dizia, aliás, a propósito de ambas as figuras, que o negro não existe, assim como o branco.

A se tomar pela experiência de fato, na verdade não existe nenhum ser humano cuja cor de pele seja, *stricto sensu* branca – pelo menos no sentido que falamos do branco de papel, do giz, do lençol ou do cal.

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de apararência, de pele e de cor, outorgando a pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada.

Primeiro, deve-se ao fato e o negro ser este (ou então aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos copreeender. Onde quer que apareça, o negro desencadeia dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que invariavelmente abala o próprio sistema racional.

1.1.3 NOIR – SUBSTANTIVO

Para aprender com mais exatidão a dimensão de uma a outra ponta da história, o pensamento europeu sempre tendeu a abordar a identidade não em termos de pertencimento mútuo (copertencimento) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo com o mesmo, do surgimento do ser e da sua manifestação em seu ser primeiro ou, ainda, com o seu próprio espelho. (Mbembe, 2018, p. 12).

Ao ressucitarmos esse termo, que pertence a uma outra era, à fase do primeiro capitalismo, pretende-se colocar em questão não apenas a ficção de unidade de que é portador.

Consoante (Mbembe, 2018) na língua francesa, o termo *négre*, especialmente em seu uso como substantivo, de um carácter pejorativo de extração colonialista e racista para se referir aos negros, a despeito dos esforços de intelectuais da *négritude* para recuperar o vocábulo e promover uma dimensão positiva para seu uso. O termo corrente para se referir aos negros sem essa carga depreciativa é *noir*.

Quando utilizado pelo autor no sentido que abarca essa etimologia infame, o termo é grafado com inicial maiúscula. No uso português europeu do termo, o carácter pejorativo do termo “preto” se evidencia mais claramente, talvez por conta do carácter recente da experiência colonial e do componente colonialista do discurso racista naquele contexto.

No português brasileiro, porém, essa carga pejorativa é menos evidente, se não ausente, e o uso do termo “negro”, como adjetivo e substantivo, foi adotado de forma relativamente homogênea ao longo do texto, com exceções pontuais em que uma contraposição semântica específica possa ter exigido o recurso ao par preto/négre e negro/noir ou o destaque entre parênteses da escolha original do autor por um ou outro dos termos.

Mas. O que devemos entender por “negro”? É comumente aceito que, de origem ibérica, esse termo só viria a aparecer num texto escrito em língua francesa no início do século XVI. Será, contudo, apenas no século XVIII, isto é, no zênite do tráfico de escravos, que entrará por definitivo no uso corrente.

As pessoas de origem africana muito antes de serem capturadas nas redes do capitalismo emergente dos séculos XV e XVI. Ser humano vivaz e com formas bizarras, queimado pela irradiação do fogo celeste, dotado de uma petulância excessiva, sujeito ao domínio da alegria e deserdado pela inteligência, o negro é antes de tudo um corpo – gigantesco e fantástico-, um membro, órgãos, uma cor, um odor, um músculo e carne, uma soma inaudita de sensações.

O substantivo, “negro” é, além disso o nome que se dá ao produto resultante do processo pelo qual as pessoas de origem africanas são transformadas em mineral vivo de onde se extrai o metal. Essa passagem do homem-mineral ao homem-metal e do homem-metal ao homem moeda foi uma dimensão estruturante do primeiro capitalismo.

Em se tratando, porém, de mediar as implicações e avaliar todas as consequências dessa reviravolta, estamos ainda nos primeiros passos. De resto, se tal revelação nos é graciosamente concedida, se ela suscita perplexidade ou se, em vez disso, mergulha-nos num tormento, uma coisa é certa: esse desmantelamento, também ele carregado de perigos, abre novas possibilidades para o pensamento crítico, e isso é parte do que tentaremos examinar na ancoragem dessa discussão.

Onde quer que apareça, o negro desencadeia dinâmicas passionais e provoca uma euforia irracional que invariavelmente abala o próprio sistema relacional. Em seguida, deve-se ao fato de que ninguém – nem aqueles que o inventaram e nem os que foram englobados nesse nome – gostaria de ser um negro ou, na prática, de ser tratado como tal.

Além do mais, como explicou Mbembe (2018), há sempre um negro, um

judeu, um grão-mongol, um ariano no delírio, pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças.

Para Fanon, o termo “negro” advém de um mecanismo mais de atribuição que de autodesignação. Não sou negro (noir), declara Fanon, nem sou negro (négre). Negro não é nem meu sobrenome nem meu nome, muito menos minha essência e minha identidade. Sou um ser humano e isso basta. O outro pode me impugnar esta qualidade, mais nunca conseguirá me despojar dela ontologicamente.

O fato de ser escravizado, de ser colonizado, de algo alvo de discriminações ou de toda sorte de abusos, vexações, privações e humilhações em virtude da cor da pele não muda absolutamente nada nisso. Continuo a ser um ser humano por mais íntreca que seja a violência das tentativas que pretendem me fazer acreditar que não sou.

“Negro” é, portanto, uma alcunha, a túnica com que alguém me encobriu e sob a qual tentou me encerrar. Mas, entre a alcunha, e o sentido a ela atribuído e o ser humano chamado a assumi-lo, há algo que permanecerá para sempre no âmbito da distância. E é esta distância que o sujeito é chamado a cultivar, e, talvez, a radicalizar.

2. FORMAÇÃO ÉTNICA DO POVO BRASILEIRO (BAIANO)

No século XVI. Os negros foram trazidos do continente africano para serem escravizados pelos portugueses no território brasileiro. Ao longo do tempo, o Brasil foi se modernizando, e o racismo institucional foi criado. O negro não era reconhecido como ser humano.

A história africana foi abafada pelos europeus, pois se acreditava que os negros eram um povo inferior. Essas eram as lógicas de conhecimento são solos culturais que permitem a inteligibilidade de modos de produção epistêmicos, indicando ambiências epistemológicas nas quais o conhecimento adquire sentido.

Contudo, com a recém-chegada do imigrante europeu nórdico possibilitou a formação de traços distintos no fenótipo de nosso povo, na cultura, nas artes e na religião, com a presença fundamental de elementos europeus, africanos e indígenas no culto cristão, na língua, no léxico do topônimos e nos diversos tipos de celebração de nosso cotidiano, e até mesmo na presença do candomblé. Apesar

dessa profusão étnica vivemos sob o mito da democracia racial. Não podemos perder de vista que Portugal é uma nação herdeira de uma matriz étnica e cultural oriunda de povos do Oriente, Ocidente e de África.

Consoante (Matta apud Copque, 2021, p.297) os povos da Península Ibérica são miscigenados, pois existe uma proximidade geográfica e uma interação histórica ente esta e o continente africanos através do estreitor de Gibraltar, que liga o Mediterrâneo ao Oceano Atlântico, e o qual está situado entre o território do extremos sul da Espanha e o Marrocos, no noroeste da África, com 58 Km de comprimento e 13 Km de largura entre a Espanha e o Marrocos.

As primeiras cidades fundadas na Península Ibérica foram Cádiz, na Espanha, Lisboa, Santarém e Faro, em Portugal, sendo que todas são de origem africana. Foram os cartagineses da atual Tunísia, país da África do Norte, antiga colônia dos fenícios, povo negro utaregue, oriundo do norte da África, os fundadores dessas cidades “européias”. Lisboa era denominada de Olisipo, palavra de origem cartigensa, tendo sido fundada por mercadores africanos de Cartago, por volta de mil anos a.C.

As cidades de Sagunto e Barcelona têm origem no povo grego, Huelva e Sevilha foram fundadas por povos iberos, originários do Norte da África, o que confirma a miscigenação étnica na península. Por volta de 300 a.C., a região ibérica era toda dividida. Ao norte era habitada por celtas, indo-europeus e celtíberos, também mestiços.

O litoral era dominado por africanos cartagineses, e o litoral mais ao norte, por gregos. Durante mil anos, houve uma hegemonia africana, até que as guerras púnicas revertissem a situação em favor do povo romano, que se manteve por 800 anos na região.

Ao findar o império Romano, houve o ingresso de povos germânicos convertidos ao cristianismo, seguindo-se de uma reconquista da península por parte dos africanos islâmicos que voltaram a dominar a região por volta de 700 anos. É importante registrar que, durante esse período, os ibéricos foram escravizados pelos islâmicos africanos.

Com esse registro histórico, por ora, pretendemos apenas ressaltar o caráter da miscigenação étnica e cultural do colonizador português e sua relação direta com o Brasil mestiço.

2.1 ENTRECruzAMENTOS ÉTNICOS

Segundo Gilberto Freire, *Le Gentil de Labarbinas*, no início do século XVIII, notou “a preferência quase mórbida dos colonos pelas negras e mulatas”. Em referência ao pensamento de Freire, que defende a idéia de que as índias e negras tornavam-se mulheres ou concubinas dos portugueses não por falta de mulheres brancas no Brasil, mas pela atração que tinham os portugueses por mulheres de outras etnias, Alves nos diz:

As mulheres negras eram realmente irresistíveis. Hoje, sabemos que Chica da Silva não foi apenas um mito, mas uma dentre tantas outras escravas, libertas e livres “de cor”, que constituíram relações ilegítimas ou casaram com homens brancos e bem-sucedidos. (FREIRE, 2011, p. 530-531).

É importante lembrar que, no Brasil colonial, a estrutura social era fundamentada no escravismo. A legitimação de filhos naturais, principalmente mestiços oriundos do cativierio, e sua inclusão no processo de transmissão de heranças eram uma forma de mobilidade social e, nesse aspecto, os “mulatos” e “pardos” tinha mais possibilidade de ascensão social.

De acordo com Assunção Barros:

Toda essa variedade de intrecruzamentos individuais faz do imenso contingente de multatos brasileiros um espectro de variedades infinitas, um complexo de diferenças que não pode ser demarcado como “diferença racial”. Se não sob o abrigo destas palavras tão vagas que remetem ao “mulato” ou ao “pardo” – expressões que não obstante possui um imenso peso imaginário na história antropológica na história do Brasil e que, de todo modo se apresentaram como categorias sociais definidoras de inclusões e exclusões naquela antiga sociedade colonial brasileira já rigidamente estratificada. (BARROS, 2019, p. 110-111).

No final do século XIX, a partir da configuração de um novo cenário começa a ser moldado, nos vinte anos que antecedem o fim da escravidão, o discurso racial científico, e nesse contexto passa-se a condenar o futuro do Brasil ao fracasso por ser um país de mestiços, e essa mestiçagem é somente aceita na perspectiva eurocêntrica de branqueamento gradual da população.

Na visão de Katia Mattoso:

A sociedade colonial baiana, como também a sociedade baiana no período imperial independente, que se inicia em 1822, são sociedades com enormes possibilidades de assimilação sociedades tolerantes. Contudo, esse carácter de tolerância é limitado, pois sempre dependeu, para ser plenamente exercido ou então momentaneamente abolido, da existência ou não de antagonismo, principalmente presentes nos grupos de mando e que se desenvolviam em torno de impasses econômicos. É o que vai acontecer com a abolição da escravatura com o lançamento sobre o mercado de trabalho de um forte contingente de população trabalhadora livre que vai disputar o seu lugar ao sol, na luta diária para o seu sustento, num momento em que as forças tradicionais produtoras definham. Daí por diante a sociedade baiana torna-se intolerante e fecha-se dentro de um esquema de estratificação rígida, por qual adota como linha de demarcação o elemento cor da pele: de um lado os senhores “brancos”, do outro os pretos-pobres. (MATTOSO, 1978, p.154).

Inserido no senso comum, o passado de escravidão é algo que se atribui apenas aos africanos e seus descendentes, de forma muito limitada aos índios e também ao seus descendentes mestiços denominados de “caboclos”. O passado de escravidão era algo que fora por muito tempo escamoteado por famílias mestiças descendentes de africanos que conseguiram ascender na sociedade.

Muitas famílias egressas do cativeiro negavam as suas origens no intuito de se libertar do estigma da escravidão, no início da década de 70 do século XX. A partir da valorização da cultura e da ancestralidade oriunda dos povos africanos, foram promovidos importantes mudanças nesse sentido.

De acordo com o doutor em sociologia Jessé Souza(2019, p.18) , o que de fato houve, após a queda da teoria das raças, foi uma falsa ruptura com o racismo, que se readptou de forma ímplicita por meio do culturalismo, que passou a exercer total influência em nossa sociedade, sendo a continuação do racismo científico, mas não a sua superação, e cujo principal aspecto está na separação entre os seres humanos, que são categorizados como de pessoas de primeira e segunda classes.

Os estudos realizados pelo médico geneticista da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o PhD em genética humana pela Universidade de Manitoba no Canadá doutor Sérgio Danilo Pena, fundador e diretor médico e científico do Núcleo de Genética Médica (GENE). Fazem referência ao mapeamento genético da origem dos brasileiros através do exame de DNA.

Ele foi citado por Marcelo Leite, jornalista especializado em jornalismo científico, em artigo intitulado “Retrato molecular do Brasil”, publicado na folha de

São Paulo. Em que afirma:

Sérgio Pena acaba de retornar de Portugal, onde apresentou seu trabalho aos colegas de além-mar. [...] Quando os lusos deram por aqui, estima-se que havia cerca de 4 milhões de índios no que se tornaria o território nacional, dos quais metade homens. Hoje, como há a população um terço de haplótipos indígenas (mtDNA). Isso correspondente a algo mo 50 milhões de linhagens ameríndias, ou pelo menos dez vezes mais do que havia quando a terra dos papagaios foi descoberta. Segundo o geneticista da (UFMG), essa descoberta da alta proporção de matrilineagens indígenas revelou um novo instrumento de pesquisa no que chama de garimpo genético (ou arqueologia).[...] “vários autores [...] enfatizaram a natureza tri-híbrida da população brasileira a partir dos ameríndios. Europeus e africanos”, escrevem Sérgio Pena e seus colaboradores da Universidade Federal de Minas na conclusão do trabalho. “os dados que obtivemos dão respaldo científico a essa noção e acrescentam um importante detalhe: a contribuição europeia foi basicamente por meio de homens e a ameríndia e africana foi principalmente por meio de mulheres. A presença de 60% de matrilineagens ameríndias e africanas em brasileiros brancos é inesperadamente alta, e por isso mesmo tem grande relevância social”. (LEITE, 2000, p. 26-28)

Consoante Assunção Barros:

[...] existem inúmeras e indefinidas tonalidade de pele (e não três ou quatro), e que estas se somam em números tipo de cabelo e constituições labiais, a diversificados padrões cranianos e tendência de estrutura osséa, e a tantas e tantas outras distinções biológicas que a bem da verdade não nos permitiram falar em absoluto em um tipo unificado de negro ou de branco. (BARROS, 2019, p.27)

Nesse entendimento, é muito importante o que diz Darcy Ribeiro:

Quando se diz: nossos negros, a referência é a cor da pele; quando se fala mestiços, aponta-se secundariamente para isso. Mas o relevante é que uns e outros são brasileiros, qualidade geral que transcende suas peculiaridades. O surgimento de uma etnia brasileira, inclusive, que possa envolver e acolher a gente variada que aqui se juntou, passa tanto pela anulação das identificações étnicas de índios, africanos e europeus, como pela indiferenciação entre as várias formas de mestiçagem, como mulatos (negros com brancos), caboclos (branco com índos) ou curibocas (negros com índios). Só por esse caminho, todos eles chegam a ser uma gente só, que se reconhece como igual em alguma coisa tão substancial que anula suas diferenças e os opõe a todas as outras gentes. Dentro do novo agrupamento, cada membro, como pessoa, permanece inconfundível, mas passa a incluir sua pertença a certa identidade coletiva. (RIBEIRO, 1995, p.133).

No Brasil não existiram restrições legais e sociais aos contactos e inter-

casamentos que solucionavam o problema. Os governos de Portugal permitiam nesses contactos inter-raciais que solucionavam o problema da falta de gente para a colonização e povoamento. O fenômeno de miscigenação no Brasil, são contemporâneos dos primeiro contactos dos europeus com os ameríndios.

O entendimento dessa discussão envolvendo uma intensa profusão étnica na formação do povo brasileiro, e por consequência baiano leva-se a percepção que tons de pele clara ou escura não define raça. O deslindamento entre cor de pele, raça e racismo nos leva a crer que pessoa de pele clara, nascido no Brasil e descendente de português ou espanhol é um miscigenado, assim como pessoa com tez escura, originário dessa nação e descendente do povo africano.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da herança pluriétnica no Brasil permite imaginar em tese que um homem com fenótipo de pele clara possa-se sentir-se “pardo”, considerando que (pg 46, Mbembe). Em referência ao pensamento de Freire, que defende a idéia de que as **índigenas** e negras tornavam-se mulheres ou concubinas dos portugueses não por falta de mulheres brancas no Brasil, mas pela atração que tinham os portugueses por mulheres de outras etnias. Sendo assim, há sentido em que o ex-prefeito de Salvador e candidato ao governo baiano o senhor Antônio Carlos Magalhães Neto possa sentir-se da cor “parda”. O que há de contraditório nisso?

Para além disso, existem outras prerrogativas históricas que criam laços entre o sujeito acima com a herança africana no campo da miscigenação. Antônio Carlos Magalhães era **trineto de português Francisco Peixoto de Magalhães Neto², que trás essa herança ancestral ibérica já miscigenada em sua matriz genética.** Acompanhem as nuances.

A transformação de Espanha e Portugal – de colônias periféricas do mundo árabe em motores da expansão transatlântica europeia – coincidiu com o afluxo de africanos à própria Península Ibérica, onde participaram da reconstrução dos principados ibéricos após a Peste Negra (Black Death) e a Grande Fome do século XIV. A maioria era de escravos, mas nem todos: também haviam entre eles alguns

³MAGALHAES, A.C.M. in: wikipedia. A enciclopédia livre. Antonio Carlos Magalhães. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Carlos_Magalh%C3%A3es#cite_note-3. Acesso 27 dez 2022.

homens livres.

A presença africana cresceu em decorrência disso e milhares de escravos a desembarcar anualmente em Portugal. Ao ponto do seu afluxo desestabilizar o equilíbrio demográfico de certas cidades ibéricas. Era o caso de Lisboa, Sevilha e Cádiz, onde no início do século XVI, cerca de dez por cento da população era composta por africanos. A maioria era incumbida de tarefas agrícolas, domésticas, cozinheiro, concubina e operador de maquinaria.

O fenômeno de brancos que mantinham concubinas negras se tornou algo relativamente comum. Por mais que a segregação racial fosse oficialmente rigorosa, a libertinagem inter-racial e o concubinato com mulheres de cor, livres ou escravas, eram algo corriqueiro entre elites brancas.

Para além disso, é incoerente discriminar uma pessoa com a utilização de um critério estético. O ACM Neto pode sentir-se, pardo. Criemos um paralelo com o ex-ministro da Cultura do Brasil, cantor e compositor Gilberto Gil.

Esse personagem com 80 anos em matéria especial do Fantástico, da Rede Globo, o canto soube os resultados do seu teste de ancestralidade, feito pelo meuDNA, a pedido da emissora. Em termos de continente, Gil é quase três quartos africano e um quarto europeu, com 23,6%. Os nativos americanos ainda aparecem com uma contribuição de 1,6% . (Aguiar, 2022).

Ancestralidade africana: Oesta da África. Assim como Gilberto Gil, cerca de 86% da população brasileira tem pelo menos 10% de ancestralidade africana,. Portanto, mais de 180 milhões de brasileiros compartilham heranças genéticas vindas da África.

No caso de Gil, países do oeste do continente africano foram responsáveis pelas maiores porcentagens, com destaque para Benin. Essa região já possuía várias cidades complexas séculos antes de Cristo, com rotas comerciais bem estabelecidas, que cruzavam o deserto do Saara, para levar produtos para Europa, Oriente Médio e Ásia.

Entre os séculos XVI e XIX, o Brasil foi o país **das Américas** que mais recebeu escravizados africanos: **estima-se** que aproximadamente **4 milhões** de pessoas tenha sido trazido à força para o nosso país. Do século XVI até a metade do século XVIII, o centro-oeste africano, em particular a região que hoje corresponde à Angola, foi a principal origem dos escravos.

Ancestralidade africana: norte da África. A região do norte da África foi responsável por 27,2% da ancestralidade de Gilberto Gil. Essa região inclui países como Marrocos, Argélia e Tunísia.

Grande parte da presença desses povos no DNA brasileiro se deve aos judeus sefarditas, ou seja, aos descendentes de judeus originários de Portugal e Espanha que se instalaram-se no norte da África devido as perseguições religiosas.

Em busca de melhor qualidade de vida e de liberdade religiosa, esses povos passaram a emigrar para o Brasil a partir de 1810, sendo que a maior parte deles chegou ao nosso país entre 1890 e 1910, quando o ciclo da borracha atraía trabalhadores para a região Amazônica.

Na parte europeia da ancestralidade de Gilberto Gil, destacam-se as Ilhas Britânicas. O Império Britânico foi o maior em extensão de terras descontínuas do mundo.

Os britânicos possuíam colônias e protetorados em todos os continentes. Em 1920, cerca de 458 milhões de pessoas viviam nesses territórios, o que representava um quarto da população do mundo da época, tornando a influência inglesa linguística e cultural forte e generalizada.

Durante o século XVI, foram realizadas diversas incursões de navios ingleses na costa brasileira, com o principal intuito de constituir rotas comerciais. Porém, os números de ingleses que se estabeleceram no Brasil não foram expressivos.

Uma das principais contribuições dos ingleses para a cultura brasileira e mundial foi o futebol, esse esporte foi trazido para o Brasil por Charles Miller, um brasileiro de ascendência inglesa, após ter estudado na Grã-Bretanha.

De acordo com (Schlesinger apud Aguiar, 2022), cada uma dessas culturas presentes em nosso país, seja de nativos-americanos ou de imigrantes africanos, europeus ou asiáticos, contribuiu para a grande diversidade do Brasil e torna nosso país tão rico e único.

Sendo assim, porventura o Gil viesse a verbalizar que sentia-se “branco” ou “pardo”, ele também seria rechaçado e hostilizado pela sociedade em proporção equivalente que o ACM Neto foi atacado pelas redes sociais? **De certo que não, pois o teste de ancestralidade de Gil registra em sua carga genética 5,7% de**

gens da Polônia e 11,5% da Irlanda³. Vejamos bem existe uma possível similaridade com a polêmica que envolve o ACM Neto.

Esse tema através do viés histórico, cultural e científico evidencia que a cor da pele não determina raça. Em pleno século não podemos pensar como os nossos antepassados do século XIX, quando o Chefe da Polícia da Corte Euzébio de Queirós foi responder se um preto era alguém livre ou escravo fugindo à época da escravidão.

Esse respondeu que seria mais razoável a respeito dos pretos presumir a escravidão, enquanto por assento de batismo ou carta de liberdade, caso não mostrasse contrário. Quem tinha tom de pele escuro era escravo até que se provasse o contrário. Começava culpado antes de qualquer coisa. (LAMARINO, 2022).

A Lei nº 581 – Eusébio de Queirós, previa a entrada de negros escravizados no país, para a sociedade brasileira da época. A lei asservera que não era a origem que necessariamente indicava quem poderia ser escravizado ou ancestralidade, era o tom da pele. Quem viesse da África e não tivesse como gem o tom de pele mais escuro não seria escravo fugindo.

Enquanto, quem especificamente tivesse herdado o tom de pele mais escuro, seria culpado e escravizado. Esse critério estético em que a cor da pele de uma parte visível do corpo dizer quem tem mais ou menos oportunidades ou chances de sofrer preconceito, violência não pode ser reproduzida nem aplicada ao fato de uma pessoa sentir-se “pardo” como as zombarias lançadas em redes sociais ao ACM Neto.

Prejulgar as pessoas usando o pensamento do século XIX é um grande retrocesso cognitivo, além de reforçarmos a prática de um racismo reverso. Diante de tais evidência apresentadas nessa prosa, ousamos a afirmar que independente de cor de pele toda a humanidade é afradescendente. A sociedade precisa conhecer a sua história e rever os seus comportamentos.

Outro ponto polêmico que será tratado nesse espaço é quanto a produção de realidades que não correspondem com a realidade dos fatos, e considerando que a cor de pele é um determinante para identificar a racialidade.

O desespero do declínio do eurocentrismo europeu em queda franca

⁴ MOV DOC UOL Gilberto Gil e família fazem teste para descobrir origens: “A música está no DNA”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=75n-9V-WRS0>. Acesso: 27 dez de 2022.

permanece em tamanha ausência de controle que as produções teledramatúrgicas da emissora da Rede Record de Televisão com as suas produções de histórias bíblicas põe em questionamento a sua própria narrativa ao europeizar o Egito.

Os personagens das tramas são, essencialmente, atores brancos representando personagens negros, considerando que a localização do Egito está na África, sob um sol escaldante com a temperatura superior a 40° centígrados. Impossível os personagens possuírem pele em tons claros.

Imaginemos como pessoas com constituições biológicas da raça branca pura magras ou gordas, de carnes e musculação flácidas e de temperamento linfático suportariam edificar palácios reais e pirâmides.

Desafiando a capacidade cognitiva do nosso leitor para desmineralizarmos essa falácia da teledramaturgia brasileira, evoquemos os conhecimentos históricos e antropológicos sobre o surgimento do primeiro na terra.

A sua localização geográfica se concentra nas regiões tropicais, onde se bate mais sol: continente africano que é o berço da civilização humana. Isso justifica-se a presença da cor de pele mais escura dos povos que vivem lá, como Hadza. (LAMARINO, 2022).

Ampliando os nossos argumentos a ciência afirma que a cor de pele é determinado pela melanina, que é a responsável pela pigmentação da cor da pele humana. A variabilidade de cores depende da sua composição e aonde se armazena.

A partir da melanina outros dois tipos são produzidos para determinar a cor da pele: a Eumelanina que dá os tons marrons ou pretos, e a Feomelanina que dá o tom mais avermelhado, ruivo ou dourado. Quando o nosso corpo produz mais eumelanina que a feomelanina, o tom da nossa pele será mais escuro. Na ordem inversa o tom da nossa pele será mais clara.

A eumelanina absorve muita luz, raios solares, luz ultravioletas emanados do sol, logo a tonalidade da nossa pele diante dessa exposição fica mais escura. Sendo assim, os personagens de histórias bíblicas eram negros, e não brancos. A essência crítica da razão negra não está conectada a fenótipos, e sim a fatos cientificamente comprovados.

Consequente (Copque, 2021) definitivamente, cor não é raça, pois o conceito de raça é uma construção social usada para a dominação do ser humano. Apesar

desse conceito não ter nenhum fundamento científico, a cor da pele ainda tem sido um fator determinante na forma como são tratados os seres humanos.

A pesquisa séria com criticidade nos possibilita desmineralizar as construções de sujeitos sociais que vivem ao nosso entorno, e possamos compreender com maior clareza o jogo das relações humanas. A partir dos nossos conceitos não podemos com os nossos costumes pré-concebidos julgar o *modus vivendi* de outros grupos sociais não idênticos aos nossos. O respeito e preservação de identidades como indígena, negra e cigana devem ser mantidos. Assim entendia o Lévy Strauss.

O povo brasileiro é constituído de pluralidades nos aspectos religiosos, étnicos e cultural. Um povo miscigenado e resiliente que segue lutando e um dia se libertará da opressão, do apartheid, do genocídio de indígenas e negros, do LGBTQIcídio, do feminicídio, do racismo implícito, explícito e estrutural, de toda forma de preconceito e, principalmente, das desigualdades sociais.

A inaceitabilidade silenciosa do mundo ocidental quanto os ataques da mídia suja relacionada a aparição em eventos públicos do suposto casal, o jogador de futebol Kylian Mbappé do Paris Saint Germain e a modelo trans, descendente argelina e ativista na luta pelos direitos dos refugiados, indígenas e comunidades negras e LGBTQIA+, Inés Rau. Esse comportamento mídiático está relacionado como racismo de gênero.

Ora, ambos são cidadãos, trabalhadores, contibuintes com os impostos e deveres sociais, qual o impedimento legal? O sujeito deve estar bem em companhia quem o torna feliz. Esse escroque estatuto das aparência, necessita ser combatido e dissolvido.

Esse artigo vem somar ao conjunto de vozes, enunciados e discursos, de saberes, comentários e disparates, cujo objetivo são a coisa ou as pessoas “de origem africana” e aquilo aquilo que se afirma ser seu nome e sua verdade.

Neste contexto, a razão negra designa um conjunto tanto de discursos como de práticas – um conjunto cotidiano que consistiu em inventar, contar, repetir e promover a variação de fórmulas, textos e rituais com o intuito de fazer surgir o negro enquanto sujeito racial e exterioridade selvagem, passível de desqualificação moral e de instrumentalização prática.

Caro leitor, porventura ainda creia que sobre tudo o que não é idêntico a si é anormal. Você terá muito a aprender sobre o movimento da mobilidade da raça e o

racismo. O processo da globalização e os seus efeitos contraditórios que provoca por toda a parte, a lógica da raça volta a irromper na consciência contemporânea. Um pouco por todo lado se reaviva a fabricação dos sujeitos raciais. O inimigo é outro.

O modo de produção capitalista ao final do século XX, inaugura uma nova lógica de raça, um novo desdobramento de raça emergiu com o pensamento genômico. Essas são tecnologias reprodutivas que envolvem a manipulação de óvulos e espermatozoides para nova geração de seres vivos e de hibridação de elementos orgânicos, animais e artificiais.

Raça e racismo não pertencem, portanto, somente ao passado. Têm também um futuro, especialmente em um contexto em que a possibilidade de transformar os seres vivos e de criar espécies mutantes já não emana unicamente da ficção.

Essas técnicas genéticas são utilizadas para fazer o manejo das variedades populacionais e descartar, por meio da seleção de embriões trissômicos ou pelas vias de teriomorfia (hibridação com elementos artificiais), as raças consideradas “indesejáveis”.

Enfim, o negro e a África são potências desconhecidas para além do mundo euro-cêntrico, foi considerável a contribuição dos afro-caribenhos para o internacionalismo negro e para a expansão do radicalismo nos Estados Unidos e na África. Grande parte dos recém-chegados eram artesãos, professores, pregadores e até mesmo advogados e médicos. Vindo de Barbados representavam uma parcela importante da população da Virgínia.

Por conta dos diversos conflitos que acompanharam esse processo, revelou-se, aliás, a distância que, em muitas casas, separava os negros da América daqueles que habitavam as ilhas.

Por outro lado, a África é a terra das riquezas naturais insondáveis. Seus recursos minerais são colossais. No momento em que se esboça a corrida aos seus tesouros, seus filhos distantes não podem de jeito nenhum se furtar à mesa da partilha. A África sairá da caverna e emergirá para a luz do mundo pela via do comércio e da evangelização. Sua salvação virá do exterior – por meio de sua transformação num Estado cristão.

Esse tema buscou contribuir para esclarecer que a cor da pele não é vetor determinante para tipificar a raça. A pesquisa, em aberto não se esgota o assunto, pois esta abordagem tem exclusivamente o propósito de desconstruir o pensamento

contínuo sobre a hegemonia formação social do sujeito para fortalecer o modo de produção capitalista desde o período colonial, contemporaneidade e as tendência para o futuro próximo.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D´Assunção. A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. 4. Reimpr. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

COPQUE, Diego de Jesus. Do Joanes ao Jacuípe: uma história de muitas querelas, tensões e disputas locais. Salvador: Cogito, 2021. 352 p.: il.; 18 x 25,5 cm.

FREIRE, Gilberto. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51.ed.5.reimpr. São Paulo: Global, 2011.

LEITE, Marcelo. Retrato molecular do Brasil. Folha de S. Paulo, São Paulo, 26 mar. 2000. Caderno Mais!, Folha Ciência, p. 26-28.

MATTOSO, Katia M. De queirós. Bahia, a Cidade do Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo: Hucitec; Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra; traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições. 2018. 320 p. ; 14cm x 21 cm.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 3.ed. 2. Reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro, Rio de Janeiro, RJ: Estação Brasil, 2019.

Blog

AGUIAR, RICARDO. A ancestralidade de Gilberto Gil. **Meu DNA diz**. 29 jun. 2022. Disponível em: <https://blog.meudna.com/a-ancestralidade-de-gilberto-gil/>. Acesso em 25 dez 2022.

Youtube

LAMARINO, ÁTILA. O que a cor da sua pele e cabelo diz sobre você? Youtube, há um ano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oAzaoSt0MDA>. Acesso em 25 dez 2022.

MOV DOC UOL Gilberto Gil e família fazem teste para descobrir origens: "A música está no DNA". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=75n-9V-WRS0>. Acesso: 27 dez de 2022.